

**A NEGAÇÃO DO DISCURSO-OUTRO: EFEITOS DE SENTIDO EM *OUTDOORS***  
***THE DENIAL OF THE DISCOURSE OF THE OTHER: MEANING EFFECTS ON***  
***ATEA's BILLBOARDS***

Paula Daniele Pavan<sup>1</sup>  
 Mestre em Letras  
 Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
 (pauladanielepavan@gmail.com)

**RESUMO:** Analisamos, neste artigo, sob a perspectiva da Análise do Discurso (AD) fundamentada em Michel Pêcheux, os enunciados e as imagens veiculadas em dois *outdoors* da campanha midiática promovida pela Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos (ATEA). Para tal, recorreremos aos conceitos de enunciado dividido e de memória discursiva. Através de tal aporte, observamos o modo como a negação do discurso-outro e a consequente afirmação do discurso Ateísta ganha relevância para a produção de efeitos de sentido, bem como a maneira pela qual as imagens, postas ao lado dos enunciados, restabelecem as condições necessárias para a leitura.

**Palavras-chave:** Negação; Enunciado dividido; Memória discursiva; Efeitos de sentido

**ABSTRACT:** In this article we analyze utterances and images from two billboards with media campaign promoted by the Brazilian Association of Atheists and Agnostics (ATEA). Based on the theory of Discourse Analysis (DA) by Michel Pêcheux, we used the concepts of divided utterance and discursive memory. Stemming from these concepts, we observe how the denial of the discourse of the other and the consequent assertion of the atheist discourse become relevant for the production of meaning effects and how images beside the utterances restore the necessary conditions for reading.

**Keywords:** Denial; Divided utterance; Discursive memory; Meaning effects

### **Considerações iniciais**

Ao longo da história são diversos os momentos em que questões de cunho religioso são mobilizadas para justificar atos e interpretações. Isso gera embates, principalmente, por aquilo que deve/pode ser tomado como verdadeiro. As imagens e os enunciados que compõem a campanha promovida pela Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos (ATEA) constituem-se em materialidades que demonstram essa luta pelos sentidos.

Para analisar tais materialidades e observar quais efeitos de sentido tal campanha procura produzir, buscamos sustentação no aporte teórico e analítico da Análise do Discurso (AD) articulada por Michel Pêcheux. Nossa análise incide,

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Estudos da Linguagem – Teorias do Texto e do Discurso

então, sobre dois *outdoors*<sup>2</sup> expostos, na cidade de Porto Alegre/RS, entre os dias 4 e 17 de julho de 2011.

### **Negação, redirecionamento e ressignificação: o movimento dos sentidos**

O texto de *outdoor*, sob o ponto de vista discursivo, é tomado como constituído por um efeito de unidade, uma tecitura feita de muitos fios, mas que, aparentemente, é una. Fernandes (2007, p. 1) afirma que a textualização se faz “por meio de diferentes materialidades linguísticas, seja a linguagem verbal, a não-verbal, ou ainda pela combinação dessas linguagens”. Essa definição de textualização nos é cara na análise que realizamos, pois o *outdoor* se constitui de linguagem verbal e de não-verbal que, numa espécie de combinação, tecem sentidos para a campanha Ateísta. Assim, é a textualização presente no *outdoor* que nos possibilita adentrar na teia do discurso Ateísta.

O que conta para a AD “é o modo como o texto organiza sua relação com a discursividade” (INDURSKY, 2001, p. 28), ou seja, interessa-nos observar como ocorre a passagem do que é exterior para a interioridade do texto, o que o torna, aparentemente, homogêneo. O texto, portanto,

Não pode ser assim visto como uma unidade fechada pois ele tem relação com outros textos (existentes, possíveis ou imaginados), com suas condições de produção (os sujeitos e a situação) e com o que chamamos exterioridade constitutiva, ou seja, o interdiscurso, a memória do dizer (o que fala antes, em outro lugar, independentemente). (ORLANDI, 2001, p. 87)

O modo como o texto dissimula esse atravessamento constitutivo do exterior ocorre através do trabalho realizado pelo sujeito que, afetado pela ideologia e pelo inconsciente, produz um todo ilusório e não-contraditório – o texto. O sujeito, dessa forma, não comanda o sentido, pois quando acredita assumir uma posição sua/individual, assume uma posição ideológica, mesmo que disso não se dê conta.

Os sentidos, nessa perspectiva, produzem-se pela história, pelo atravessamento da ideologia. Isso porque, conforme Pêcheux (2009a, p. 146), é a

---

<sup>2</sup>Para fins analíticos, tomamos os enunciados e as imagens publicados nos *outdoors* como sequências discursivas (SDs), denominadas SD1 e SD2.

ideologia que designa, ao mesmo tempo, “o que é e o que não deve ser”, ou seja, é ela que determina o modo como as coisas são, fornecendo

As evidências pelas quais 'todo mundo sabe' o que é um patrão, uma fábrica, uma greve, etc., evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado 'queiram dizer o que realmente dizem' e que mascaram, assim, sob a 'transparência da linguagem', aquilo que chamaremos o *caráter material do sentido* das palavras e dos enunciados. (PÊCHEUX, 2009a, p. 146)

Este caráter material, por sua vez, depende do “todo complexo das formações ideológicas” (PÊCHEUX, 2009a, p. 146). Isso implica considerar que os sentidos não têm sua forma literal, ou melhor, os sentidos não são colados às palavras, mas determinados pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio histórico no qual estas palavras são (re)produzidas (PÊCHEUX, 2009a, p. 146). Dessa forma, “as palavras, expressões, proposições etc., recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas” (PÊCHEUX, 2009a, p. 147). Dito diferentemente: são as formações discursivas (FDs) que vão determinar os sentidos das palavras, materializando a ideologia na língua.

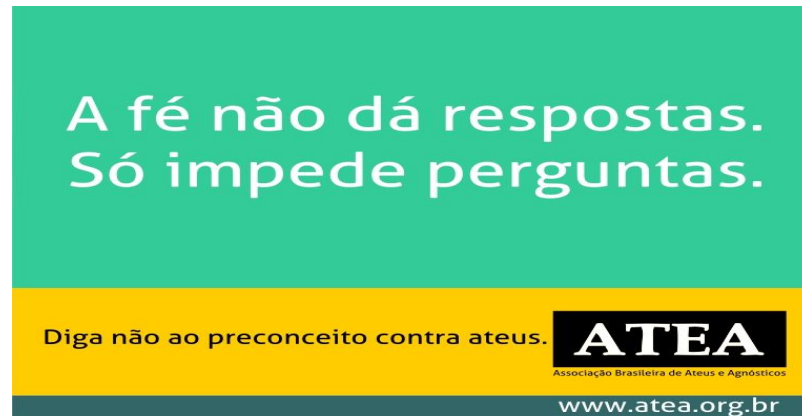
Entendemos, assim, que tudo o que é dito tem história e adquire sentido a partir das práticas sociais. Nos *outdoors*<sup>3</sup>, esses sentidos se produzem no plano verbal<sup>4</sup> através da **negação** do discurso-outro. A negação, em nossa compreensão, funciona como uma cicatriz que nos permite adentrar no funcionamento do discurso Ateísta, isto é, não é concebida somente como uma marca linguística, mas discursiva, visto que tomamos a história como algo desde sempre imbricado na língua. Vejamos a primeira SD:

---

<sup>3</sup>Ao depararmos com os *outdoors*, buscamos a fonte dos textos e encontramos no *site* (<http://www.atea.org.br/>) da ATEA, que permite a reprodução, total ou parcial, do conteúdo publicado no Portal desde que a fonte seja citada.

<sup>4</sup>Para fins analíticos, inicialmente, analisamos o plano verbal e, na sequência, a combinação do verbal com o imagético.

SD1



Fonte:

<[http://www.atea.org.br/index.php/index.php?option=com\\_content&view=article&id=224](http://www.atea.org.br/index.php/index.php?option=com_content&view=article&id=224)>.

Acesso em: 20 out. 2011

Podemos observar que, na SD1, a negação, marcada através do sintagma **não**, instala um enunciado que carrega em si mesmo saberes antagônicos. Cazarin (2000, p. 180) afirma que “o *não* funciona como marca de que no interdiscurso existe um enunciado afirmativo”. O interdiscurso é o “todo complexo” do qual fala Pêcheux (2009a, p. 149). É nele que os sentidos se alojam e se distribuem em FDs. O interdiscurso armazena “todos os dizeres”, tudo aquilo que já foi objeto do dizer, por isso funciona sustentando os sentidos a partir das FDs. É assim que o discurso proveniente de outros campos de saber aparece de forma negativa “A fé **não** dá respostas”, enquanto o discurso da FD Ateísta aparece introduzido pelo sintagma **Só** em (a fé) “só impede perguntas”. Temos, com isso, um confronto materializado por **F não faz X ... F só faz Y**. Um embate pela significação do que seria a Fé.

Esse funcionamento nos possibilita recorrer ao conceito de enunciado dividido. Courtine (2009), ao tratar sobre tal conceito nos estudos discursivos, reflete sobre o modo como em uma mesma materialidade linguística, linearizada no fio intradiscursivo – no fio do dizer – podem coexistir enunciados pertencentes a formações discursivas antagônicas. Portanto, uma das características do enunciado dividido é a não possibilidade de substituição dos elementos do texto – “**a não comutabilidade** dos elementos em posição X e Y” (COURTINE, 2009, p. 191). Vejamos:

A fé X → dá respostas  
 Y → impede perguntas

O enunciado presente em X remete às FDs religiosas, tais como, a Católica, Protestante, Adventista, dentre outras. Campos de saber em que a Fé é concebida como algo superior, que acaba produzindo os sentidos necessários à vida dos sujeitos-fiéis. Então, os efeitos de sentido produzidos através do enunciado negativo são os de que em outras FDs “a fé dá respostas”. O que é refutado pela posição-sujeito<sup>5</sup> da FD Ateísta.

Já a construção em posição Y, redireciona os sentidos para a FD Ateísta e funciona para afirmar os sentidos que a Fé possui nesse campo de saber – os de impedimento de perguntas. É tecida no enunciado uma crítica àqueles (sujeitos interpelados por outras FDs) que procuram na Fé o sentido para suas vidas ou para a solução de seus problemas. Isso faz com que ressoe sentidos naturalizados – pré-construídos que ditam a obviedade de que a Fé dá respostas.

Além disso, compreendemos que o enunciado “Só impede perguntas”, significado na FD Ateísta, faz reverberar os discursos de verdade propagados pelos e através dos ritos religiosos que tomam os textos como verdades absolutas, tornando-se impossível questionar/interpretar, apenas crer. A religião, a Fé, então, tornam-se a única possibilidade de interpretação da realidade e apagam-se (pelo trabalho da ideologia através da interpelação do indivíduo em sujeito) outras possibilidades de sentido.

Esse funcionamento do “ressoar” de sentidos somente é possível através do trabalho da memória discursiva, pois, conforme nos mostra Indursky (1997, p. 49), é a “**memória discursiva** que permite relacionar o que é dito na sequência discursiva com o dizer de outros discursos”. Assim, é a memória que sustenta os sentidos produzidos ao atuar como “algo pré-existente e exterior” e que funciona “sob a forma de retorno” (MITTMANN, 2008, p. 119).

Ademais, ao pensarmos as condições de produção do enunciado na SD1,

---

<sup>5</sup>Courtine (2009, p. 88) define posição-sujeito como “uma relação determinada que se estabelece em uma formulação entre um sujeito enunciadador e o sujeito do saber de uma dada FD”. Então, em uma FD convivem diversas posições que permitem a identificação dos sujeitos e, por conseguinte, a produção de efeitos de sentido.

podemos afirmar que é por meio dele que os sujeitos-ateus, a partir da posição-sujeito que assumem na FD Ateísta, tentam traduzir tanto a luta contra o preconceito, quanto a expressão daquilo que acreditam<sup>6</sup>. O confronto ideológico, então, materializa-se na língua e entre diferentes FDs. E é por isso que os enunciados “se formam na tensão que liga os processos discursivos inerentes a duas FDs antagônicas, materializando linguisticamente essas contradições interdiscursivas, bem como as fronteiras entre esses domínios de saber” (CAZARIN, 2000, p. 178-179).

Já na SD2, o confronto entre os saberes ocorre através da significação do que seria ter Caráter ao tomar a Religião como parâmetro. Observemos:

SD2



Fonte:

[http://www.atea.org.br/index.php/index.php?option=com\\_content&view=article&id=224](http://www.atea.org.br/index.php/index.php?option=com_content&view=article&id=224). Acesso em: 20 out. 2011

Diferenciando-se da SD1, em que um enunciado afirmativo (introduzido pelo sintagma “Só”) expressava os saberes da FD Ateísta, a SD2 traz a negação do discurso-outra como forma de afirmação e expressão desses saberes. Ou seja, de que o Caráter é definido por outras atitudes e **não** pela Religião.

<sup>6</sup>Informações sobre os anúncios em: <http://www.atea.org.br/index.php?option=com\_cntoent&view=article&id=222&Itemid=118> . Acesso em: 12 out. 2011.

Ocorrência que nos permite trazer as postulações de Indursky (1997, p. 215). Conforme ela, as operações de negação podem aparecer de três maneiras diferentes: externa, interna e mista. Em nossa análise é a primeira forma – externa – que nos ajuda a compreender o discurso proveniente da FD Ateísta na SD em pauta. Pois é através da negação que os sujeitos-ateus tentam delimitar sentidos para o domínio de saber com o qual se identificam e instauram barreiras para o(s) sentido(s). É, então, a forma externa de negação que se calca “sobre o que *não pode* ser dito no interior” de determinada FD. Por conta disso, “a negação incide sobre um discurso que provém de uma formação discursiva adversa” e “estabelece fronteiras entre discursos ideologicamente antagonicos” (INDURSKY, 1997, p. 215-216).

Para que ocorra essa delimitação entre os campos de saber, percebemos que o discurso antagonica/adverso à FD Ateísta não se lineariza no intradiscurso, sendo apenas expresso através da negação. Então, “a marca da negação é explícita e (...) o discurso do *outro* é implícito”. O dizer do outro, pertencente a(s) outra(s) FD(s) fica “*recalcado* em seu **interdiscurso específico**” (INDURSKY, 1997, p. 217). A autora explica que esse discurso-de-fora pode vir à tona a partir da transformação metodológica, mas ressalva que esse enunciado é apenas “similar” ao que circula fora das barreiras da FD (INDURSKY, 1997, p. 219). Vejamos:

FD Ateísta – O Caráter é definido por outras atitudes e **não** pela Religião.

FDs religiosas – O Caráter é definido pela Religião.

Então, se na SD1 ocorre um redirecionamento do sentido para os saberes da FD Ateísta, na SD2 o funcionamento é diferente, pois os sujeitos-ateus limitam-se a negar o que é afirmado fora. Dessa maneira, a heterogeneidade se apresenta através do discurso-outro que funciona como um pré-construído, mostrando que há a naturalização de que a Religião define Caráter. Pêcheux (2009b, p. 24), ao prefaciá-la obra de Courtine (2009), afirma que o enunciado dividido traz à baila “o fato de que uma formação discursiva é constitutivamente perseguida por seu outro”. Assim, a contradição constitutiva do discurso não emerge do contraste ou do choque de *corpora* homogêneos e antagonistas, mas justamente dos efeitos de sobredeterminação que se instalam. Ou seja, dos sentidos que se misturam, se

fundem e se confundem no fio do discurso. É através desse processo, em nosso entendimento, que se abre a possibilidade da FD Ateísta incorporar o enunciado presente em outras FDs para refutá-lo através da negação e produzir os sentidos a ela pertencentes.

Arriscamos afirmar, a partir do funcionamento da SD2, que ocorre uma tentativa de ressignificação daquilo que já está sedimentado pelas práticas sociais, visto que os sentidos para os fatos se produzem a partir da disputa de interpretações, instância na qual há a prevalência de alguns sentidos em detrimento de outros. E essa produção ocorre pela memória, que atua na sustentação daquilo que é dito. Com isso, concluímos que ocorre, na SD em análise, uma tentativa de produzir outros sentidos para o que já está acomodado e estabilizado na/pela memória. Possibilidade que se apresenta através das lacunas, das falhas e dos furos comportados pela memória discursiva.

Esse funcionamento discursivo nos permite entender que os sujeitos não se constituem sozinhos, mas a partir do outro, daquilo que vem de fora, pois o discurso não emerge de maneira estabilizada, mas a partir dos conflitos sociais, da luta de classes – uma luta pelo sentido, pelas formas de significação das práticas sociais. É assim que os sintagmas Fé e Caráter concorrem para serem significados na campanha Ateísta. Concorrência que se dá a partir daquilo que já está posto, já está significado em outros lugares de dizer e que soa como natural, como algo já-sempre-aí.

### **A junção da imagem: efeitos de sentido**

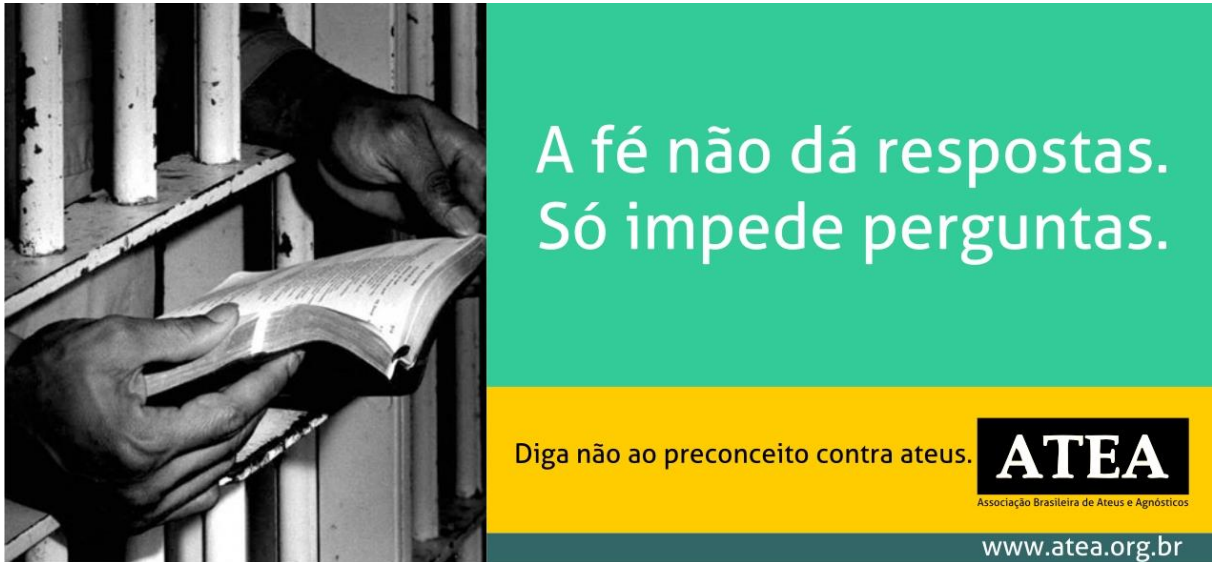
Os sentidos produzidos na referida campanha não ocorrem apenas por meio da refutação e do redirecionamento dos sentidos, mas também a partir do imagético que, em nosso entendimento, combina-se à língua(gem) para a produção de determinados sentidos.

Para realizarmos tal análise, mobilizamos, mais uma vez, a memória discursiva. Afinal, é a memória que permite interpretar e produzir sentidos, pois tanto sedimenta (sustenta o sentido dos discursos), quanto movimenta (abre-se à entrada de novos discursos) os saberes. Então, voltemo-nos novamente para as SDs, agora,



vinculadas às suas respectivas imagens.

SD1a



Fonte:

[http://www.atea.org.br/index.php/index.php?option=com\\_content&view=article&id=224](http://www.atea.org.br/index.php/index.php?option=com_content&view=article&id=224).

Acesso em: 20 out. 2011

SD2b



Fonte:

[http://www.atea.org.br/index.php/index.php?option=com\\_content&view=article&id=224](http://www.atea.org.br/index.php/index.php?option=com_content&view=article&id=224).

Acesso em: 20 out. 2011

Frente ao gesto analítico que empreendemos neste texto, é importante registrarmos que a imagem vem ganhando um lugar de destaque nas análises discursivas. São variadas as discussões acerca do modo como se dá a leitura dessa materialidade. Fernandes (2008), ao trabalhar com o imaginário da Revista Veja sobre os “Lulas presidenciáveis” e tomar como materialidade as capas da revista, afirma que é possível conceber a imagem “como uma nova formulação que apresenta um outro modo de simbolizar” (FERNANDES, 2008, p. 26). Dessa forma, a autora cita Souza (2001) para afirmar que a imagem simboliza a realidade e é tomada como um aspecto textual por sua referencialidade, isto é, por ser uma forma de “discursivização do real”.

Esses apontamentos nos ajudam a pensar que o texto dos *outdoors* significa em sua plenitude a partir da junção das imagens (que também possuem textualidade) aos enunciados. Ou seja, a imagem não é apenas um adereço presente no *outdoor*, mas significa por ser uma forma de interpretação, um modo de simbolização das práticas sociais. Para entendermos esse funcionamento, podemos pensar que não são quaisquer imagens que são postas ao lado dos enunciados verbais, mas imagens que possuem/adquirem determinados sentidos a partir da FD em que circulam.

Percebemos, ao observá-las, que possuem um duplo papel: complementam/juntam-se ao que o enunciado diz e, ao mesmo tempo, significam de maneira isolada. Dito de outro modo: não são uma espécie de legenda que direciona os sentidos, pois possuem uma significação própria que, através da união com o enunciado, produzem determinados sentidos. Esse duplo papel é possível através do que nos é restabelecido no momento da leitura do *outdoor*. Esse restabelecimento é possibilitado através do funcionamento da memória discursiva.

Conforme Pêcheux (2007), a memória discursiva é fundamental para a prática da leitura e para a produção de sentidos. Isso ocorre na medida em que o passado atua como um fator crucial para a leitura do momento presente. Nesse sentido, a memória discursiva (re)estabelece os implícitos necessários para a prática da leitura (PÊCHEUX, 2007, p. 52). Assim, as imagens veiculadas significam a partir daquilo que já representaram, dos efeitos de sentido que já produziram nas vezes em que foram (re)atualizadas no fio do discurso.

Na primeira SD, os elementos que se destacam são: uma grade, um livro (supostamente, uma Bíblia) e duas mãos que o seguram para que a leitura possa ocorrer. Essa imagem é costurada ao enunciado para que se produzam determinados efeitos de sentido para a campanha. A imagem, portanto, é significada a partir da FD Ateísta. É assim que a prisão/as grades funcionam, para os sujeitos-ateus, como a Fé que impede a ocorrência de interpretações outras que não as contrárias àqueles que não creem em um Deus superior. Isso ocorre porque, segundo o texto<sup>7</sup> que discorre acerca dos anúncios veiculados nos *outdoors*, a Fé é a responsável pela sustentação da veracidade e da reprodução de um comportamento que coloca os ateus como “a epítome da maldade”.

Se estes são os efeitos de sentido passíveis de recuperação através da memória discursiva e da posição ocupada pelos sujeitos-ateus, outros sentidos também são possíveis por um outro efeito de memória rejeitado/apagado pela FD Ateísta. Isso quer dizer que a mesma imagem, em outras FDs e sem a veiculação do enunciado, pode produzir sentidos diversos destes. Nas FDs religiosas, por exemplo, a imagem poderia significar uma forma de evangelização de alguém que caiu em pecado e está na prisão, isto é, a Fé seria uma forma de libertação e não de prisão.

Ao tratar sobre o funcionamento da memória discursiva, Courtine (2009, p. 106) explica que ela tem a ver com a formação discursiva e também com os níveis de inter e intradiscursivo. Nestes, os enunciados (nível interdiscursivo) referem-se ao tempo longo de uma memória e as formulações (nível intradiscursivo) são tomadas no tempo curto de uma enunciação. É assim que o efeito de memória caracteriza-se como sendo o retorno (através do cruzamento entre o inter e o intradiscursivo) de uma formulação-origem na atualidade de uma “conjuntura discursiva”. O discurso, então, pode se movimentar – num eterno *continuum* – permitindo com que formulações ditas em outros lugares, em outras conjunturas, passem a atravessá-lo e a produzir diferentes efeitos de sentido. E é isso, em nosso entendimento, que ocorre com as imagens, pois, ao serem significadas no interior da FD Ateísta, elas produzem determinados sentidos que seriam (im)possíveis em outro lugar e em outras

---

<sup>7</sup> Disponível em: [http://www.atea.org.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=222&Itemid=118](http://www.atea.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=222&Itemid=118) Acesso em: 12 out. 2011.

condições de produção.

É também esse movimento do discurso que percebemos na SD2b, pois, de um lado, temos a imagem do ator Charles Chaplin seguido da legenda: “Não acredita em Deus”; de outro, aparece retratada a figura do Ditador Alemão Adolf Hitler e abaixo a formulação “Acredita em Deus”. Essas duas imagens, estabilizadas no fio do discurso, produzem sentidos através dos efeitos da memória discursiva e são costuradas ao discurso proveniente da FD Ateísta como uma maneira de comprovar que a religião e/ou a crença em um Deus superior não determinam as atitudes – boas e/ou más – dos seres humanos. As duas imagens, portanto, funcionam sustentando a produção de sentidos do enunciado. Tais efeitos de sentido também ocorrem por meio do direcionamento que os sujeitos-ateus fazem com a colocação das legendas, na ilusão de que podem (as)segurar a produção de sentidos.

As imagens, dessa forma, entram no discurso Ateísta para significarem algumas coisas e não outras, funcionando justamente por não perderem (totalmente) a carga de sentidos que já possuem. Ou seja, quais são os sentidos que produzimos quando nos deparamos com uma foto do ator Charles Chaplin? E quais sentidos vêm à tona quando olhamos a imagem de Adolf Hitler? De um lado, uma grande personalidade do cinema que denunciava as injustiças sociais através de seus personagens; de outro, o Ditador Alemão famoso pela perseguição e extermínio de judeus, negros, homossexuais etc., sendo responsável pelo que conhecemos como Holocausto. A carga negativa (daquele que acredita em Deus) e a carga positiva (daquele que não crê) são então recuperadas através do funcionamento da memória discursiva e contribuem para o estabelecimento dos sentidos na campanha Ateísta.

É por isso que a memória discursiva “diz respeito à *existência histórica do enunciado* no interior de práticas discursivas regradas por aparelhos ideológicos” (COURTINE, 2009, p. 105-106). Remete, portanto, aos discursos que sempre voltam a significar a partir dos efeitos da ideologia, sendo (re)ditos em diferentes momentos da história.

Entendemos, dessa maneira, o modo de movimentação das práticas discursivas, pois os sujeitos-ateus “buscam” na dispersão, no (des)nivelamento do interdiscurso, as imagens e as costuram no *outdoor* para a produção de

determinados efeitos de sentido. É assim que elas produzem, nas atuais condições de produção, um modo de resistência e enfrentamento ao (pré)conceito que lhes é lançado, o preconceito ou, visto pelo viés discursivo, o pré-construído, de que os ateus são maus, de que não possuem Caráter.

Frente ao que destacamos, torna-se relevante abordarmos um pouco mais sobre a relação tecida entre a memória discursiva e as imagens presentes nos *outdoors*. Davallon (2007, p. 31) toma a imagem como “um operador de memória social”. A partir disso, podemos pensar que as imagens, de alguma maneira, somente significam através do retorno, isto é, por aquilo que já simbolizaram, trazendo (novamente) significações passadas. Essa concepção é válida no âmbito da AD. No entanto, a imagem não é tida em sua transparência significante, mas em sua opacidade (PÊCHEUX, 2007, p. 55). Sob essa ótica, não se tem um caminho pré-pronto de leitura, com sentidos estabilizados, inertes, que nunca podem mudar e serem outros. E isso ocorre, como foi possível observar nas duas SDs, pelo atravessamento de discursos que a imagem carrega. Então, toda vez em que essas imagens são (re)atualizadas no fio discursivo os sentidos podem se transformar e isso vai ocorrer porque a memória liga-se à FD. Ou melhor: as possibilidades de significação estão enredadas pela trama de saberes das FDs e serão diferentes os efeitos proporcionados pela memória discursiva em cada uma delas. É por isso que

Uma memória não poderia ser concebida como uma esfera plena, cujas bordas seriam transcendentais históricos e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo, acumulado ao modo de um reservatório: é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização... Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra discursos. (PÊCHEUX, 2007, p. 56)

Essa concepção de memória permite entender que o discurso não se funda sobre uma memória que sustenta sempre os mesmos sentidos, como algo que repõe de forma sempre igual as significações dos textos. É assim, em nosso entendimento, que se edifica a possibilidade das imagens produzirem sentidos-outros a partir da inscrição na FD Ateísta. Sentidos de negação ao pré-construído que retorna nas práticas discursivas vinculadas às FDs antagonicas, no caso, as religiosas.

## Considerações finais

Convém destacar, por fim, que analisar o modo como se passa do texto verbal e não-verbal ao funcionamento do discurso nos permitiu observar que os sentidos dos dizeres se sustentam em já-ditos, mas, ao mesmo tempo, a ordem já estabelecida está sempre no devir da inscrição de novas significações. É assim que os enunciados e as imagens traduzem, em nosso entendimento, a tentativa de rompimento com a ordem (já vigente) dos sentidos.

## Referências

CAZARIN, E. A. O confronto entre duas posições de sujeito, inscritas em diferentes formações discursivas, marcado linguisticamente pelo enunciado dividido. In: INDURSKY, F.; CAMPOS, M. C. (org.). **Discurso, memória, identidade**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000. p. 176-187.

COURTINE, J. -J. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EdUFSCar, 2009. 250 p.

DAVALLON, J. A imagem, uma arte de memória. In: ACHARD, P. (et. al.). **Papel da memória**. 2. ed., Campinas, SP: Pontes Editores, 2007. p. 23-37.

FERNANDES, C. Texto: letra, cor, imagem. Um corpo desviante?. **Travessias**, Cascável, v.2, n.1, p. 1-16, 2007. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/2806/2207>>. Acesso em: 18 jan. 2013.

\_\_\_\_\_. **O imaginário de Veja sobre "Os Lulas Presidenciáveis"**. 2008. 169 f. Dissertação (Mestrado em Letras. Área de Concentração: Estudos da Linguagem). Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

INDURSKY, F. Da heterogeneidade do discurso à heterogeneidade do texto e suas implicações no processo de leitura. In: ERNST-PEREIRA, A., FUNCK, S. B. A. (org.). **Leitura e escrita como práticas discursivas**. Pelotas: Educat, 2001. p.27-42.

\_\_\_\_\_. **A fala dos quartéis e as outras vozes**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997. 268 p.

MITTMANN, S. Redes e Ressignificações no Ciberespaço. In: ROMÃO, L. S. GASPAR, N. (org.). **Discurso midiático**: sentidos de memória e arquivo. São Carlos: Pedro e João, 2008, p. 113-130.

ORLANDI, E. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. Campinas:

Pontes, 2001. 218 p.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: ACHARD, P. (et. al.). **Papel da memória**. 2. ed., Campinas, SP: Pontes Editores, 2007. p. 49-57.

\_\_\_\_. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Traduzido por Eni P. Orlandi (et. al.). 4. ed., Campinas: Editora da Unicamp, 2009a. 287 p.

\_\_\_\_. O estranho espelho da Análise do Discurso (Prefácio). In: COURTINE, J. -J. **Análise do Discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EdUFSCar, 2009b. p. 21-26.